

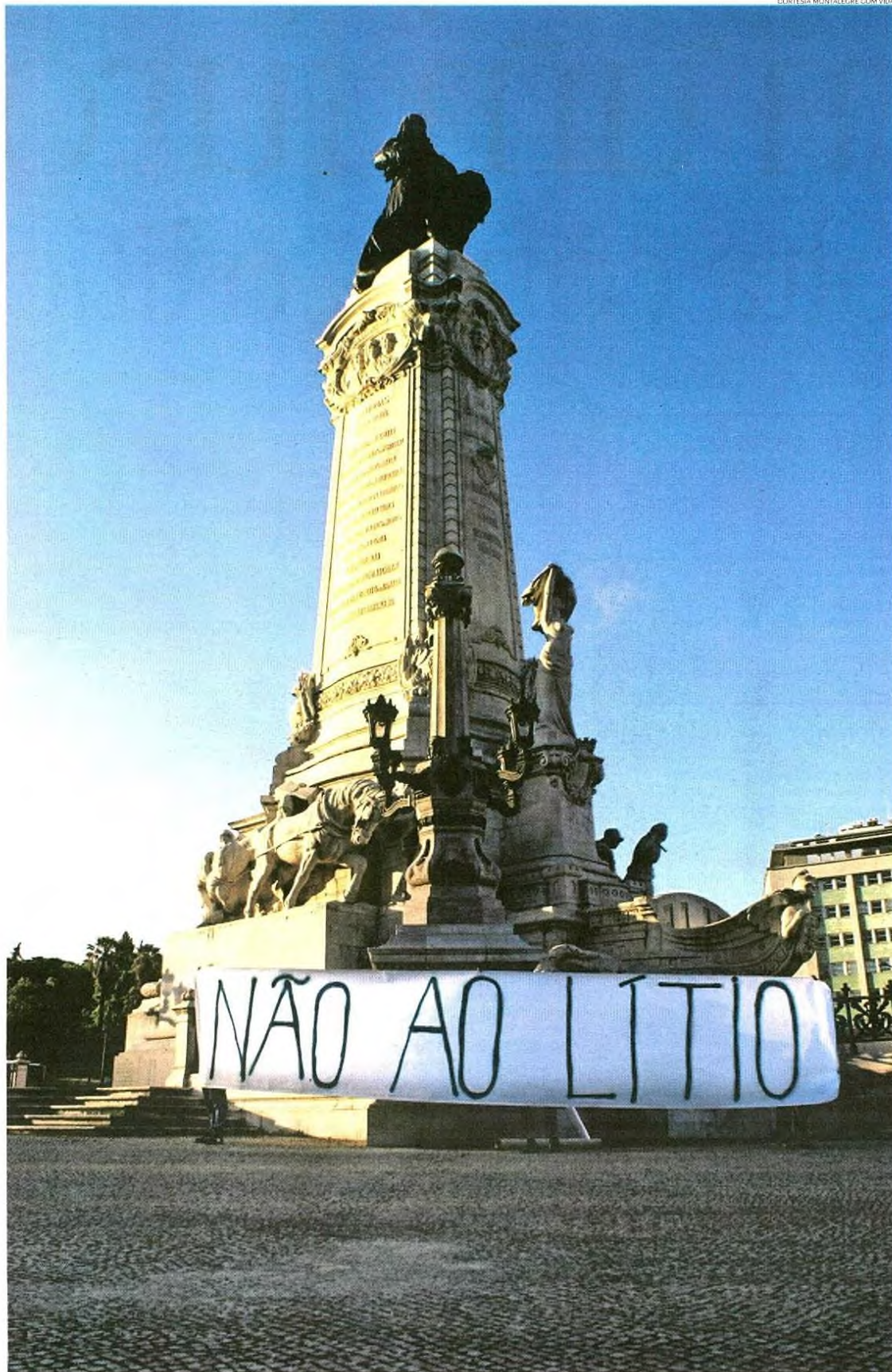
Nem um furo

A revolta contra o lítio



Série A febre do petróleo branco (III) O “não” ao lítio é um dos maiores movimentos de protesto nas últimas décadas no interior do país. Já boicotaram eleições, manifestaram-se em Lisboa, irromperam de cartazes em punho na Volta a Portugal em bicicleta e em feiras gastronómicas. Os ânimos estão cada vez mais hostis perante a proximidade de abertura das minas. Há quem esteja disposto a tudo para o evitar

Por **Tiago Carrasco**



A cadela de Nélson e Aida, o par que encabeça a luta contra o lítio em Covas do Barroso, sai a correr do quintal da frente, ainda a lamber o focinho:

– Aida, aquela cadela é tua?, pergunta tranquilamente o vizinho, vestido de robe à porta de casa. Acabou de me matar uma galinha.

– Ai, malandra! Já a vou buscar, responde Aida, que também é presidente do conselho directivo dos Baldios de Covas do Barroso.

– Olha, por acaso não tens aí um cartucho [de caçadeira] em casa?, insiste o homem.

– Estão arrumados e só o Nélson é que sabe onde estão, diz Aida.

– É que é melhor dar-lhe já um cartucho, responde o vizinho.

– Não é preciso. Eu já a vou buscar, assegura Aida.

– Tu é que sabes, mas quanto a mim era melhor dar-lhe já um cartucho, conclui o queixoso, antes de regressar a casa.

Este era o tipo de problemas quotidianos a que o casal de Covas do Barroso estava habituado: o cão que come galinhas, a vaca que anda coxa, o fogo que ameaça a floresta no Verão. O que não esperavam era ter de pintar tarjas, alugar um autocarro para lá enfiar metade da aldeia e viajar até Lisboa para gritar contra a implantação de uma mina nas suas terras. “Não à mina, sim à vida” ou “Galamba, escuta, o povo está na luta”, passaram a ser-lhes melodias tão familiares como o chilrear matinal dos pássaros.

Nélson e Aida têm 29 vacas, plantam batatas, milho, cereais para o gado, couves, tomates e cebolas. Produzem o seu próprio queijo, manteiga e presunto. Enfim, desenvolveram um estilo de vida auto-sustentável que serve actualmente de referência a milhares de famílias urbanas. E temem que a mina de lítio da Savannah dite a morte de tudo isso. A sua principal preocupação é que as escavações prejudiquem o abastecimento de água, elemento que se orgulham de ter em Covas com uma qualidade inigualável. “É impossível que ao desviarem canais freáticos não afectem o abastecimento de água das povoações e que essa água não fique contaminada com os resíduos minerais existentes”, afirma Aida. “Além disso, eles próprios admitem que vão buscar água ao rio Covas e que, nos meses quentes, o caudal vai descer. Receamos que no Verão o rio fique seco.”

A situação é ainda mais revoltante para Nélson, que pouco liga a “modernices”. Sim, tem telemóvel e computador, munidos de baterias de lítio, mas pouco uso lhes dá para além de organizar as acções de luta da associação Unidos em Defesa de Covas do Barroso (UDCB), que lidera.

Nascido em França, percebeu aos cinco anos, numas férias, que o seu futuro passava por Covas: os seus irmãos e irmãs emigraram para Paris e para os EUA, mas ele encontrou a felicidade naquelas montanhas quando, ainda menor, o ensino se fazia por telescola. “Sempre gostei de pastar os animais, pescar trutas com o meu tio e desta tranquilidade”, diz Nélson, enquanto caminha pelas margens acidentadas do rio Covas, enaltecendo os lameiros e os moinhos de água construídos pelos seus antepassados.

“A canalhada andava sempre na rua. Jogávamos futebol e explorávamos

estes montes, conhecíamos os trilhos como as palmas das nossas mãos. Por isso, entristece-me que as minhas filhas, hoje, passem o tempo agarradas ao telemóvel, é sempre um sacrifício tirá-las de casa”, lamenta. O seu corpo magro, seco, de passada vigorosa, encontra-se entalado entre dois mundos que se enfrentam: o do regresso ao sector primário e às relações comunitárias, o do fim do consumismo maciço, e o do universo 4.0, o da evolução tecnológica supersônica, o do individualismo, que só com lítio pode continuar a acelerar sem matar o planeta com descargas de carbono.

Por estas razões, o conflito devido ao lítio é muito mais complexo do que anteriores dilemas relacionados com a actividade extractiva para fins energéticos, como o petróleo, o carvão ou o gás. Então, para um ambientalista, era fácil escolher um lado: “Petróleo e carvão, não, porque são os principais poluentes da atmosfera.” Já o lítio torna problemática a equação, porque é o elemento principal das baterias eléctricas, ou seja, a solução emergente para reduzir a emissão de CO2 nos transportes. Um ambientalista fica assim reduzido a dois argumentos: não ao lítio, porque o importante é reduzir o consumo; ou lítio sim, desde que explorado em locais distantes de povoações e com poucas consequências ambientais.

Esta última é a posição dominante em Covas: “Até podem extrair lítio, mas aqui, num lugar abençoado pela natureza e classificado como Património Agrícola Mundial, não faz sentido.” As empresas mineiras estão familiarizadas com esta opinião. Têm até um anagrama – NIMBY (“Not In My BackYard”, traduzido “não no meu quintal”) –, para catalogar a postura, que consideram egoísta, das populações que se opõem ao desenvolvimento industrial nas suas regiões.

Apanhar com o pó todo

Elisabete Pires, 44 anos, tem mesmo razões para se referir ao seu quintal. A sua casa, no lugar de Romainho, é a penúltima antes do perímetro de concessão atribuído à Savannah. Em linha recta, são umas centenas de metros. “Já nas prospecções fizeram rebentamentos e ouvia-se os estrondos”, queixa-se. “Tenho medo que a minha casa fique com rachas com os abalos provocados pela dinamite. Vão-me estragar a vista. E, como o vento está sempre daquele lado, vamos apanhar aqui com o pó todo.”

Enquanto assistente social da junta de freguesia, Elisabete visita vários idosos em casa. Garante que estão quase todos contra a mina; aliás, num inquérito *online* em que votaram 453 residentes no Barroso, 91,4% manifestaram-se contra a existência da mina. Muitos, como ela, vivem aterrorizados com a ideia de terem de abandonar a sua aldeia natal por não conseguirem lidar com a mudança. “Enquanto der lucro, uns dez ou 20 anos, vão andar aí. Mas depois vão-se embora e nós ficamos com as sobras – isto, se conseguirmos resistir até lá”, diz Elisabete, enquanto colhe couves ao lado de um espantalho equipado com uma máscara contra a covid-19. “E depois? Ficamos sem agricultura e sem emprego. Os trabalhadores vão morar para Boticas, porque não vão querer pôr os filhos à beira de uma mina. Então, as casas vão ficar sem valor; o que temos passa a valer nada.”



Unidos em Defesa de Covas do Barroso

Movimento: Unidos em Defesa de Covas do Barroso (UDCB)

Membros: 120

Seguidores (Facebook): 3049

Mina em causa: Mina do Barroso (Savannah)

Freguesia: Covas do Barroso

Habitantes: cerca de 200

Município: Boticas

Posição da autarquia: Fernando Queiroga (PSD) é contra a mina

Montalegre com Vida

Movimento: Montalegre com Vida

Membros: 250

Seguidores (Facebook): 2500

Mina em causa: Mina do Romano (Lusorecursos)

Freguesia mais afectada: Morgade

Habitantes: 230

Município: Montalegre

Posição da autarquia: dúbida. Orlando Alves (PS) é favorável à existência da mina, mas afirma que vai fazer aquilo que a associação antilitio Montalegre com Vida quiser

Também o pastor Paulo Pires treme só de pensar na eventualidade de ter de vender as suas ovelhas. “Sem água, como vou poder sustentar os animais?”, questiona-se. “Vou deixar de ouvir os pássaros, as ovelhas, para tapar os ouvidos com o som dos camiões e dos explosivos. A fauna, a flora, vai ser tudo destruído. E não acho justo que se polua a minha aldeia para se despoluírem as cidades.”

A Savannah prevê, no seu estudo de impacte ambiental (EIA), minimizar todos os

danos para o meio ambiente. Covas não acredita. Os barrosões são gente orgulhosa, tesa, determinada. E não gostaram nada de ouvir David Archer, o CEO da Savannah, bem como comentadores do mercado financeiro, referirem-se à região, em inglês no YouTube, como uma “zona pobre” com “uma população na expectativa de criação de empregos e entusiasmada com as perspectivas de crescimento económico proporcionado pela mina do Barroso”.

“Não sei o que entendem como uma zona pobre”, comenta Nelson Gomes. “Porque nós temos aqui a melhor qualidade de água do mundo; temos uns solos que produzem do melhor que há, desde batatas, couves, feijão, tomate, tudo; temos uma floresta que para produzir é do melhor que há. Isto é ser pobre? Não sei o que eles querem dizer com isso.” Os populares também odiaram que os britânicos tivessem alterado alguns dos nomes originais dos sítios da aldeia – o reservatório do Vale do Cabrão, por exemplo, passou a ser designado “grandão”.

Fernando Queiroga, o autarca de Boticas, também abomina os preconceitos com que a empresa britânica se referiu à população transmontana. “Por baixas qualificações literárias que estas pessoas tenham, há uma coisa que a universidade da vida lhes ensinou: é que, quando lhes mentem, elas não toleram nem perdão”, diz. “Estas pessoas sentiram-se ultrapasadas, não lhes falaram claro, não lhes disseram a verdade. Fui eu que convoquei a empresa para, pela primeira vez, ir lá à aldeia explicar o projecto. E aí não explicaram nada. Usaram termos muito técnicos e tentaram minorizar a inteligência daquela gente. E isso eu também não tolero.”

Há uns anos, a população mostrou-se favorável à laboração de uma mina de ouro; segundo o presidente da câmara, nesse caso, o projecto foi bem explicado desde o início e convenceu os residentes. Nunca abriu por se localizar numa zona classificada.

Queiroga diz que Miguel Torga descreveu como ninguém a hospitalidade barrosã: “Entre quem é”, escreveu ele, ou seja, aqui deixamos primeiro os visitantes entrar e só depois perguntamos quem eles são. Foi o que fizemos. Mas depois percebemos que não vinham por bem. E isso não podemos aceitar.” A câmara municipal usará todos os mecanismos legais ao seu alcance – acções em tribunal, revogação de licenças – para bloquear a empreitada. Um duro revés para



o Governo que, numa recente conferência sobre “mineração verde”, defendeu que a “licença social” é imprescindível para a execução das minas.

Nem o pagamento de indemnizações parece poder mudar a convicção da autarquia. “Não nos vendemos por meia dúzia de tostões”, afirma Queiroga. A repartição de benefícios feita pela Savannah – que estabelece a criação de uma fundação comunitária com uma dotação anual de 500 mil euros – também não impressiona o presidente da UDCB. “Que fique bem claro que o que está aqui em causa não é dinheiro. Há coisas que não têm preço. Não estamos aqui a dizer que não deixamos por cinco, mas que já deixamos se for por 15. Não deixamos nem por 100”, reitera Nelson.

Não se deixam deslumbrar nem com o casarão modernista, de linhas rectas e minimalistas, que Marta, a ex-oficial de relações com a comunidade da Savannah, construiu no último ano bem no centro da povoação. O contraste com as velhas casas de xisto é vincado. Funciona como uma afirmação: se o dinheiro da mina entrar, todos vão poder ter uma casa assim. Em tempos não muito distantes, a perspectiva de enriquecimento seria suficiente para cativar os transmontanos; afinal, a região perdeu para a emigração mais de metade da sua população nos últimos 70 anos, essencialmente devido à falta de emprego, ao isolamento e à sua economia frágil. Em



CORTESIA MOVIMENTO NÃO ÀS MINAS - MONTALEGRE



Covas, um pormenor, por si só, conta toda a história da desertificação: a casa mortuária funciona nas instalações da antiga escola primária.

Contudo, Trás-os-Montes mudou muito nos últimos anos. Para os que ficaram, as agruras da vida diminuíram. As máquinas suavizaram o trabalho agrícola, a fome desapareceu e os acessos às cidades também melhoraram. “Aquela imagem de ‘coitadinhos’ e de analfabetos que ainda é cultivada em Lisboa e no estrangeiro já não

Em todo o país

O mapa dos protestos é vasto. A contestação já se fez ouvir de Lisboa ao Alto Minho (na foto maior, em cima, uma acção do SOS Serra d’Arga, com associações da Galiza, junto ao rio Minho), passando por Montalegre (na foto em baixo Armando Pinto, do Movimento Montalegre com Vida, fala com o ministro do Ambiente, Matos Fernandes)

se adequa à nova geração”, afirma Catarina Scarrott, professora natural do Barroso emigrada em Londres. A pedagoga relembra que as gerações do Estado Novo eram passivas quando reprimidas, não tinham voz e desconheciam os seus direitos, dando até o exemplo de um professor do ensino primário que maltratou crianças na aldeia ao longo de décadas sem que ninguém lhe fizesse frente. “Isso acabou. Os transmontanos mais novos são licenciados, não têm complexos de inferioridade e já não se deixam vigiar facilmente. Há umas décadas, talvez ninguém abrisse a boca, mas agora ninguém hesitou em protestar.”

A juntar a isto, existe na região grande desconfiança em relação aos organismos do Estado; ninguém acredita na idoneidade da Agência Portuguesa do Ambiente (APA), na capacidade de fiscalização da Direcção-Geral de Energia e Geologia (DGEG) ou na competência do Ministério do Ambiente. Muitos sentem-se cidadãos de segunda, resultado de décadas de negligência e de abandono do poder central.

“Só vêm para Trás-os-Montes chupar-nos a água e roubar aquilo que é nosso, mas não deixam ficar cá nada”, diz Idalina, reformada de 74 anos de Vilarinho de Negrões, no concelho de Montalegre, com a face enrugada pelos raios de sol, impiedosos na lavoura. A barragem do Alto Rabagão, construída em 1964, inundou-lhe os seus melhores terrenos agrícolas e, em troca,

recebeu apenas umas centenas de contos. “Não chegou para o transtorno, porque, para além de termos ficado sem as terras, não nos deram nenhum desconto na factura de electricidade e para chegarmos às aldeias do outro lado demoramos uma eternidade, coisa que antes era num instante”, lamenta. “Agora, querem vir para aqui com o lítio. Isso não vai dar emprego nenhum; dá lucro mas é para eles. O que vêm fazer para aí? Se fosse pela minha força e coragem, ninguém punha aí os pés.”

“Somos cada vez mais”

Óscar Afonso, professor da Universidade do Porto e presidente do Observatório de Economia e Gestão de Fraude, tem sido uma das vozes críticas no que toca à instalação de minas de lítio em Trás-os-Montes. Oriundo de Miranda do Douro, Afonso foi uma figura central na denúncia das suspeitas de fraude fiscal na venda de barragens pela EDP em Trás-os-Montes. Defende que a proliferação de barragens e de eólicas têm contribuído para um crescimento empobrecedor na província. “Primeiro, acho que se deveria ter uma noção mais fidedigna das reservas que efectivamente existem e das potencialidades que o lítio tem em Trás-os-Montes”, diz. “Depois, acho que se deviam ter acautelado melhor os interesses das populações locais. Na minha zona, há três barragens e observo que numa área de 15 quilómetros poucos beneficiam com elas. Quem está a beneficiar é Lisboa, que é onde se pagam os impostos. E, mais uma vez, com o lítio, parece-me que a população foi ignorada, e é isso que incomoda, porque em Trás-os-Montes a população é sempre ignorada.”

É o que dizem ter sentido os moradores de Morgade, povoação do concelho de Montalegre a apenas 23 quilómetros de Covas do Barroso, quando tomaram conhecimento, em Abril de 2019, dos pormenores sobre o projecto da Lusorecursos para a Mina do Romano. “Ainda ninguém tinha falado connosco e ficámos a saber pela televisão não só do enorme tamanho da mina, como também da forma suspeita como se assinou o contrato”, diz Armando Pinto, 46 anos. Professor de Educação Física, pai de dois filhos, foi eleito presidente da associação Montalegre com Vida (McV), que passou a liderar o movimento contra a mina no município.

Desde então, encaminhou os descontentes para dezenas de protestos: boicote das eleições legislativas e europeias, sessões de esclarecimento em todas as freguesias do município, protestos em eventos como a Volta a Portugal em bicicleta, manifestações em Montalegre e em Lisboa, petições, audições parlamentares e a entrada de uma acção em tribunal contra o Estado por suspeitas de irregularidade no contrato com a Lusorecursos. “Tem sido muito desgastante. A minha vida, bem como a de todos os membros, mudou completamente”, diz. “Para além do tempo que gastamos e do dinheiro que investimos, temos sofrido tentativas de nos descredibilizarem, ataques pessoais e à associação com os quais, em certos momentos, tem sido difícil de lidar.”

Armando refere-se a acusações da empresa de que o movimento é patrocinado por António Marques – o ex-sócio de Ricardo Pinheiro, afastado do negócio – ou por outros decisores políticos. Tanto Marques como a McV negaram ao PÚBLICO quaisquer relações entre si. E há mais

conspirações: a firma de Braga afirma ter recebido um currículo de um membro da associação para trabalhar na mina.

Uma guerra aberta não só nas ruas, como também na Internet. A associação diz subsistir através de donativos dos seus cerca de 250 membros. Embora tenham conseguido reunir a maioria dos moradores na luta contra a mina e atraído as atenções nacionais para a causa, a Lusorecursos desvaloriza a sua influência. “Quando se fala de um movimento nacional, tem de se ter dimensão. Não é o que está a acontecer. O movimento nacional agrega uma dúzia de movimentos locais e cada um deles tem meia dúzia ou uma dúzia de pessoas, não muito mais”, diz Ricardo Pinheiro. Armando refuta: “Não é verdade. Se calhar, é alguém que não quer que sejamos mais do cinco. Mas só na manifestação em Montalegre éramos 300, talvez 400. E somos cada vez mais, apesar de alguns não quererem dar a cara por medo de represálias ou de perderem o emprego”, diz.

A maior luta

Em Boticas, Fernando Queiroga classifica o movimento contra o lítio como a maior luta do interior do país. “Nunca houve um tema que unisse tanto as pessoas como este – porque significa a destruição de um território, mexe com a qualidade de vida, com a saúde e com o ambiente.”

Já o seu congénere de Montalegre, Orlando Alves, eleito pelo PS, não tem uma posição tão assertiva. O autarca tem sido acusado por ambos os lados da contenda de fazer jogo duplo; por um lado, está a colaborar com a Lusorecursos no desenvolvimento do projecto, por outro, disponibilizou à McV o pagamento de um painel de especialistas para dissecarem e contrariarem o EIA apresentado pela empresa.

Alves nasceu numa povoação mineira, Salto (onde a antiga Mina da Borralha está actualmente a ser alvo de novo pedido de exploração), e, pessoalmente, é favorável à extracção. Sabe que a posição não é popular no concelho. “Como a associação, mesmo

Guardiões da Serra da Estrela

Movimento: Guardiões da Serra da Estrela

Membros: indeterminado

Seguidores (Facebook): 3100

Mina em causa: Mina da Argemela (PANNN)

Freguesia mais afectada: Barco e Coutada

Habitantes: 879

Município: Covilhã

Posição da autarquia: Vítor Pereira (PS) é contra a viabilização da mina

SOS Serra d'Arga

Movimento: SOS Serra d'Arga

Membros: indeterminado

Seguidores (Facebook): 8900

Causa: contra a prospecção de lítio na serra d'Arga

Zona afectada: serra d'Arga

Habitantes: cerca de um milhar em toda a serra

Município: Caminha

Posição da autarquia: Miguel Alves (PS) é contra a prospecção de lítio na serra d'Arga

sem conhecer os contornos de nada, diz já há muito tempo que é contra o lítio e não quer cá o lítio, então o nosso parecer também será contra”, afirma o autarca, no seu escritório. “É assim um paradoxo, mas entre estar ao lado de um designio nacional, patrocinado por este Governo ou outro qualquer, ou estar ao lado das populações, tenho de estar ao lado dos meus.”

Em baixo, na praça do município, um boneco com a sua cara, feito pela McV, prepara-se para ser incendiado

publicamente na tradicional Queima do Judas, realizada na Semana Santa. O autarca planeia a vingança nas autarquias: um dos seus principais objectivos é conquistar a Junta de Freguesia de Morgade.

Armando Pinto não se poupa a esforços. Mesmo durante a pandemia, os populares reúnem-se no centro social de Morgade para ouvir os esclarecimentos da associação sobre o EIA entregue pela Lusorecursos. “O consumo de água só na zona industrial é de 5000m3 por dia. Vão buscá-la às nascentes, aos furos e à barragem do Alto Rabagão. Vão consumir mais água num dia do que Montalegre durante todo o mês de Agosto”, anuncia. Os presentes escutam, preocupados, o agouro de ruídos provenientes da central de biomassa, de cortes dos cerros e de poeira sobre a aldeia. Referem-se aos homens do lítio como os “jaguares”, porque os funcionários da Lusorecursos deslocam-se em SUV eléctricos da Jaguar.

Para além dos prejuízos ambientais, inquietam-se com a possibilidade de verem os seus terrenos particulares e os baldios expropriados. “Os subsídios provenientes dos baldios para silvicultura e pastoreio são uma fonte de rendimento importante para muitas famílias”, diz Armando. Tanto a Savannah como a Lusorecursos sublinham a intenção de chegar a acordo com os proprietários para os compensar pela perda e afirmam ter já concluído a aquisição de várias parcelas, facto que as associações juram impossível de ter acontecido. “Quase ninguém vendeu os terrenos”, diz Armando. Ambas as empresas, questionadas pelo PÚBLICO, alegaram motivos de confidencialidade para não mostrarem os contratos que dizem ter firmado.

“A lei é clara”, diz o secretário de Estado adjunto e da Energia, João Galamba. “Quem tem a concessão de um recurso geológico tem poderes de expropriação.” Alarmados pelo fantasma da perda das terras, alguns populares arranjaram formas criativas de protesto. Lucinda Miranda, professora reformada, pegou numa melodia litúrgica e criou uma canção contra o lítio, decorada



também pelas crianças de Morgade: “S. Domingos, Santo António/Todos os santos da igreja/Peçam por nós ao senhor/Nesta tremida pelega/Ah, serra linda, quem não te amará?/Para o S. Domingos não há/Cientistas de todo o mundo/Ajudai a descobrir/Material que seja idêntico/Que de lítio seja isento.”

Armando ouve-a cantar, emocionado. “Nós sabemos que temos contra nós a vontade do poder central e a vontade da Europa; no fundo, sabemos que somos uns peixinhos a lutar contra uns tubarões”, diz. “Mas somos nós que queremos continuar a viver aqui. Se a população que está aqui não tem uma voz, não tem uma palavra a dizer sobre todo este processo, então julgo que não vivemos numa democracia.”

Na Assembleia da República, têm sido Os Verdes a força política que mais tem levantado objecções à exploração de lítio no Barroso. “O partido não é contra a exploração de minerais em Portugal”, diz Mariana Silva, a deputada que tem acompanhado sistematicamente as manifestações e que tem confrontado o ministro João Matos Fernandes em debates



TIAGO CARRAGDO





acesos sobre este tema. “O que entendemos é que todo este processo de exploração de lítio pode trazer mais prejuízos do que benefícios. Para nós, o mais importante para a sustentabilidade e descarbonização é a aposta nos transportes públicos e na ferrovia. São soluções mais viáveis para combater as alterações climáticas do que continuar a apostar no paradigma de cada um ter o seu carro.” A deputada não acredita nas vantagens económicas dos projectos para aquela área. “Fala-se dos empregos que se vão criar, ninguém refere os que se vão perder na agricultura e no turismo, uma área que estava a ser muito bem explorada em Montalegre. Os estrangeiros vêm muito à procura destes espaços preservados, onde a natureza é realmente a natureza.”

Nada a temer?

A aversão ao lítio estende-se a zonas onde ainda nem sequer houve sondagens. Na esplendorosa serra d'Arga, no concelho de Caminha, zona identificada para o concurso de lítio, nasceu em 2019 um movimento

Rostos da contestação

Carlos Seixas (à esquerda): “Estamos onde for necessário para defender as populações que assim o queiram.” Armando Pinto (à direita): “Vão consumir mais água num dia do que Montalegre durante todo o mês de Agosto.”

aguerrido que promete lutar para que não haja nem um furo de prospecção no local. O SOS Serra d'Arga tem estado sempre na linha da frente da luta, arrasta muita gente para as manifestações e até mantém estreito contacto com grupos de activistas galegos, experientes na oposição às minas.

“Organizámos o primeiro encontro de movimentos cívicos antiminação em Cerveira. Estamos numa plataforma de entendimento, que reúne mais de uma dezena de movimentos para defender todos

os territórios em perigo. Estivemos em Covas do Barroso, quando o secretário de Estado foi expulso durante uma visita. Estamos onde for necessário para defender as populações que assim o queiram”, diz Carlos Seixas, um ex-jornalista que coordena o grupo.

No cume de Arga, os garranos pastam à solta, a paisagem é de cortar a respiração. Até o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, numa recente digressão ao Alto Minho, afirmou que considera “improvável” a prospecção de lítio no local.

Noutras áreas listadas para possível exploração, há quem veja o advento do lítio com bons olhos. “Desde que sejam respeitadas todas as normas ambientais, acho que não temos nada a temer”, defende Raul Costa, presidente da assembleia geral da freguesia de Soutelo de Matos, em Ribeira de Pena.

“Claro que o processo tem de ser transparente e a transformação, e não apenas a extracção, também tem de ser realizada no concelho. Temos de pensar positivo e ver que os jovens vão ter uma

oportunidade na sua terra e os que estão no estrangeiro também vão poder regressar com boas condições de trabalho.” Os autarcas de Ribeira de Pena e de Vila Pouca de Aguiar, concelhos vizinhos do Barroso, já se mostraram disponíveis para receber a indústria do lítio.

Formas de esperança que já não acodem a Covas. Aida e Nelson, Armando e Seixas preparam-se para mais uma manifestação – não faltam crânios de vacas, cartazes com máscaras de gás e uma coluna a projectar sons de explosões e de sirenes. Exagerados ou não, os símbolos cumprem a missão de chocar a audiência.

Os ânimos no Barroso estão a ficar cada vez mais hostis. De dentro dos movimentos antilítio há mesmo quem se mostre preocupado com a presença de activistas radicais e ligados a partidos de extrema-esquerda. Uma hipótese rejeitada por Carlos Seixas, do SOS Serra d'Arga. “Temos elementos de todas as sensibilidades ideológicas, da esquerda à direita. Nunca permitimos, e houve quem o tentasse, a interferência de partidos políticos.”

No entanto, não há garantias de que a luta permaneça pacífica. “Isto tem-se mantido calmo, mas se um dia isto vier a sério, o comportamento não será esse, garantidamente”, diz Fernando Queiroga. Em Arga e na Argemela, os pneus dos carros de geólogos e das empresas mineiras foram furados. Sucedem-se ameaças: enxadas contra os ingleses; sacholas contra os “jaguars”. “Esse tal de Ricardo Pinheiro, que vá lá para o Minho, para Braga, que se deixe lá estar, porque às vezes pode vir aqui e correr-lhe mal”, diz um morador de Carvalhais, aldeia vizinha de Morgade, junto à fonte da aldeia.

A série de reportagens *A febre do petróleo branco* tem o apoio da Bolsa de Investigação Jornalística da Fundação Calouste Gulbenkian

No próximo domingo: As zonas cinzentas da mineração verde





De costas voltadas para o lítio. “Somos uns peixinhos a lutar contra uns tubarões” P4a9

“Não” ao lítio
Até onde irá
a grande revolta
do interior?

P2



Geopolítica
Dez conflitos
no mundo para
seguir de perto

Mundo, 18/19



GEORGIOS MOULIATIS/REUTERS

Público



Incêndios
A Grécia vive
o seu Verão
de pesadelo

Última página, 32

BCE comprou mais do dobro de toda a dívida emitida por Portugal durante a pandemia

Finanças públicas Banco de Portugal e BCE já são donos de quase metade da dívida emitida. Procura decisiva para manter juros em mínimos históricos **Destaque, 2/3**

Migrações

Familiares de refugiado morto pedem contas ao Estado e ao CPR

Em 2020, um nigeriano à guarda do Conselho para os Refugiados foi assassinado em Lisboa. Família exige responsabilidades **Sociedade, 16/17**



Covid-19

Aleitamento de bebés por mães infectadas não traz mais riscos

Serviço de pediatria do Hospital Garcia de Orta acompanhou 77 recém-nascidos. Apenas quatro bebés testaram positivo **Sociedade, 12**

China

Cem anos do Partido Comunista em quatro actos

Maria João Marques e o que a História nos ensina sobre o futuro da China **P2**



Deficiência

As barreiras que a cultura ainda impõe aos cidadãos

Falta equidade no acesso à cultura em Portugal, mas também há casos inspiradores no acolhimento de pessoas com deficiência **Cultura, 24/25**

ISSN: 0872-1556